

Citicorp, mais forte, vai endurecer as negociações

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — Se quiser melhores condições para o pagamento de sua dívida externa, o Brasil precisará adotar reformas econômicas muito mais amplas. Essa foi a conclusão de analistas americanos com base na decisão do maior credor do país, o Citicorp, que dobrou seu fundo de reservas na terça-feira para reforçar sua posição nas negociações da dívida.

Daqui em diante, o Brasil não poderá continuar exigindo bilhões de dólares em novos empréstimos dos bancos ao mesmo tempo em que recusa um acordo com o FMI — afirmou um alto funcionário do Citibank. “Enquanto não cortar déficits do orçamento federal e não abandonar projetos insensatos o Brasil não precisa nem mandar seus negociadores para Nova Iorque”, acrescentou.

Segundo a maioria dos membros da comissão de banqueiros que negocia a dívida com o Brasil, o gesto do Citicorp abriu uma nova fase no relacionamento dos credores com o governo Sarney. Um deles disse que o tempo em que o Brasil batia o pé e os credores corriam assustados para atendê-lo acabou. “Agora, dinheiro novo e melhores termos para pagamento da dívida só serão conseguidos com a demonstração de que o governo está disposto a executar políticas responsáveis.”

A reação de Wall Street foi quase tão surpreendente quanto o anúncio do presidente do Citicorp, John Reed, na véspera, de que estava separando 3 bilhões de dólares de seu capital para aumentar o fundo de reservas para prejuízos com a dívida dos países do Terceiro Mundo, especialmente o Brasil. O gesto precipitou um prejuízo de 2,5 bilhões de dólares para o banco no segundo trimestre deste ano, mas, em vez de as ações do Citicorp baixarem, ontem na Bolsa de Valores de Nova Iorque registraram um pequeno avanço. O mesmo aconteceu com as ações dos outros grandes bancos americanos.

Apesar disso, nos mercados financeiros internacionais, o dólar caiu em rela-

ção às principais moedas européias e ao ien, tendo em vista dúvidas a respeito da solidez do sistema bancário americano. Mas analistas americanos consideram isso normal, calculando que serão necessários vários dias, talvez semanas, para que as implicações da decisão do Citibank sejam compreendidas e absorvidas pelos investidores de todo o mundo. Além da dívida externa do Terceiro Mundo, outros elementos importantes são considerados por esses investidores, como desequilíbrios financeiros entre os países industrializados.

Apesar de as primeiras reações terem sido positivas, a imprensa americana não deixou de assinalar que o gesto do Citibank está cheio de ironias e de perigos. Afinal, foi o antecessor de John Reed na presidência do banco, Walter Wriston, quem estimulou um enorme fluxo de empréstimos para os países latino-americanos na década passada. Desde que assumiu a direção do banco, Reed reconheceu que os empréstimos para os países em desenvolvimento da América Latina podem criar problemas amargos para os credores. A decisão de Reed tem várias implicações perigosas: ela pode aumentar a desconfiança dos investidores nas ações dos bancos em geral, tornando mais difícil e mais caro para essas instituições de crédito levantar recursos nos mercados de capital. Além disso, a atitude do Citicorp tornará muito mais difícil a coordenação dos credores em torno da estratégia para encaminhar a crise da dívida externa.

Os defensores de Reed consideraram justificado assumir esses riscos porque os bancos ficarão mais fortes se tiverem mais reservas. É por causa disso que, notificados com dois dias de antecedência, tanto o Tesouro americano quanto o Banco Central dos Estados Unidos a aprovaram.

O Tesouro vinha pressionando bancos menores americanos a aumentarem suas reservas para enfrentar prejuízos decorrentes de seus empréstimos aos países latino-americanos. Esses países devem 380 bilhões de dólares aos bancos

americanos. Cinco desses países — Equador, Peru, Bolívia, Costa Rica e Brasil — suspenderam total ou parcialmente o pagamento de sua dívida externa. Mas os maiores bancos dos EUA ficaram isentos dessa pressão porque a maior parte não está suficientemente sólida para agüentar prejuízos tão grandes quanto os registrados pelo Citicorp, 2,5 bilhões de dólares num só trimestre.

Agora, outros desses grandes bancos estão sob pressão para imitar o Citicorp, mas dificilmente poderão fazê-lo na mesma proporção. É possível que acrescentem um montante equivalente a apenas 10% da dívida pendente daqueles cinco países latino-americanos aos seus fundos de reserva. O mais vulnerável desses bancos é o Bank of America, que registrou enormes prejuízos em 1984 e desde então luta desesperadamente para readquirir seu equilíbrio.

Segundo um funcionário do Departamento do Tesouro dos EUA, o gesto do Citicorp deverá estimular profunda reflexão “por parte dos governos de países que achavam que podiam jogar os bancos contra a parede”.

☐ A decisão do Citicorp de aumentar em 3 bilhões de dólares seus fundos de reservas contra possíveis prejuízos com a dívida do Terceiro Mundo agitou os mercados financeiros por todo o planeta. Na Bolsa de Tóquio, o índice das 225 principais ações caiu 1,9% no fechamento, mas pela manhã chegou a baixar quase 3%. O dólar caiu em Tóquio a 139,5 ienes, contra os 140,05 ienes da véspera. Em Londres, o ouro atingiu seu preço mais alto em quatro anos, com 479,95 dólares a onça, enquanto a prata fechou em 9,30 dólares, contra 9,01 de terça-feira. Em todos os mercados, o temor era um só: de que a dívida do Terceiro Mundo não venha a ser paga, comprometendo todo o sistema financeiro internacional.

Nova Iorque/AFP



As ações do Citicorp em Wall Street estiveram em alta